

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

KARINA DA SILVA SOARES

**COMO NOS TORNAMOS UNIVERSITÁRIOS? A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO
ANO E O SENSO DE PERTENCIMENTO À UNIVERSIDADE**

MARIANA

2021

KARINA DA SILVA SOARES

COMO NOS TORNAMOS UNIVERSITÁRIOS? A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO ANO E O SENSO DE PERTENCIMENTO À UNIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de concentração: Ensino, pesquisa e capacitação docente em Administração

Orientadora: Dr^a Carolina Machado Saraiva

MARIANA

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S676c Soares, Karina Da Silva .

Como nos tornamos universitários [manuscrito]: a experiência do primeiro ano e o senso de pertencimento à universidade. / Karina Da Silva Soares. - 2021.

37 f.: il.: color.. + Cartilha.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Administração - Aspectos psicológicos. 2. Estudantes universitários - Aspectos psicológicos. 3. Personalidade. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378



FOLHA DE APROVAÇÃO

Karina da Silva Soares

Como nos tornamos universitários? A experiência do primeiro ano e o senso de pertencimento à universidade

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovada em 26 de março de 2021.

Membros da banca

Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Msc. Talita Almeida Fernandes - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Prof. Msc. Alexandre Gustavo da Silva Carvalho - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG

Carolina Machado Saraiva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/03/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2021, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0149591** e o código CRC **5B1718D0**.

AGRADECIMENTOS

Obrigada meu Deus pelas bênçãos em minha vida.

Obrigada meus pais, Maria Aparecida e Jorge, por todo amor e carinho.

Obrigada Lucas, meu noivo, por caminhar comigo nos momentos mais difíceis e alegres, e me ensinar todo dia a superar meus medos e fraquezas.

Obrigada professora Carol, pela dedicação, incentivo e compreensão ao longo de minha jornada acadêmica.

Agradeço também a todos os meus amigos, Vanessa, Otávio, Rodolfo, às Meninas da Casa do Jardim, e em especial, à minha querida amiga e pedagoga Anna Luisa, que tanto me ajudou e encorajou. Mesmo estando distantes, vocês se fazem sempre presentes e torcem pela minha felicidade.

Obrigada também à UFOP, por me proporcionar um ensino gratuito e de qualidade, buscando sempre formar profissionais éticos, humanos e responsáveis.

MEMORIAL

Em abril de 2016, comecei no curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e, ao longo de minha trajetória acadêmica, tive a felicidade de aproveitar várias oportunidades oferecidas pela universidade. A primeira delas foi o ingresso, como bolsista, na Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) em outubro do mesmo ano.

Durante o período em que fui bolsista no Laboratório de Inclusão Digital da biblioteca, conheci muitos colegas estudantes que tinham dificuldades não apenas em questões relacionadas ao uso de tecnologia, pacote office e plataformas de pesquisa, mas também no que diz respeito à adaptação ao próprio Ensino Superior e ao acesso as várias possibilidades que a universidade pode oferecer, o que em grande parte era causado por simples falta de conhecimento.

É fato que estar dentro de uma biblioteca do campus me ajudou a conhecer mais da instituição e do mundo acadêmico, o que contribuiu para amenizar os dilemas do meu ajustamento. No entanto, não posso negar que boa parte do aprendizado que obtive também veio informalmente de amigos veteranos, com os quais pude levar uma graduação menos estressante e mais produtiva.

Conforme os anos iam se passando, percebi que muito pouco era divulgado sobre o que realmente é a experiência de ser um aluno de graduação em uma universidade federal no Brasil. Como consequência dessa desinformação, somada ao ideário distorcido e amplamente divulgado pelas mídias e meios de comunicação em massa sobre a vida universitária, notei que os alunos que chegavam até os períodos finais do curso, em sua maioria, eram pessoas que, como eu, tinham uma rede de apoio e orientação.

Dessa forma, me motivei a realizar um trabalho que retratasse como é a realidade de estar em uma universidade na perspectiva dos estudantes, abordando suas particularidades e desafios, a fim contribuir para uma melhor gestão acadêmica, com vistas à mitigar os possíveis sofrimentos causados pelo processo de adaptação. Também busquei elaborar um produto de pesquisa que pudesse informar aos alunos as várias possibilidades que são oferecidas ao longo da graduação, além de conselhos para um melhor controle dos seus estudos, a fim de diminuir a taxa de evasão.

RESUMO

Para além de somente se pensar sobre o universitário de Administração e as características desta formação, é necessária a reflexão sobre esse sujeito que ingressa na vida universitária e se propõe a vivenciar um conjunto extremamente novo de experiências e dilemas. Dessa forma, esta pesquisa buscou a compreensão de como é se tornar um universitário à luz do conceito *sense de pertencimento*, entendendo que muitos alunos estão saindo de uma forma de vida bem particular para uma vivência social, política e estrutural bastante diferente ao entrarem na universidade. A perspectiva epistemo-metodológica é de base interpretativista e a técnica de coleta de dados utilizada foi o grupo focal. A análise constatou que o *sense de pertencimento* é um importante elemento que influencia a chamada “taxa de sucesso” do curso e impacta positivamente na satisfação dos alunos e no aproveitamento acadêmico. O estudo contribuiu para reforçar a escala de *sense de pertencimento*, e trouxe para o modelo novas variáveis que não estavam previstas, mas que possivelmente interferem na vivência dos alunos e consequente conexão à Universidade, valorizando as peculiaridades do local em que ele foi realizado.

Palavras-chave: *Sense de Pertencimento* – Mentoria – Administração

ABSTRACT

In addition to just thinking about the business college student and the characteristics of this training, we need to think about this person who enters university life and proposes to experience an extremely new set of experiences and dilemmas. Thus, the current study sought to understand what it is like to become a university student, in view of the sense of belonging concept, understanding that many students are leaving a very particular way of life for a quite different social, political and structural experience when they enter university. The epistemological perspective is interpretive and the focus group was the data collection technique conducted. The analysis found that the sense of belonging is an important element that influences the so-called “success rate” of the course and has a positive impact on student satisfaction and academic achievement. The study contributed to reinforce the sense of belonging scale, and brought to the model new variables that were not foreseen, but that possibly interfere in the students' experience and consequent connection to the University, valuing the peculiarities of the place where it was held.

Keywords: Student Dropout - Academic Management – Management

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 SENSO DE PERTENCIMENTO.....	12
2.2 PROGRAMAS DE MENTORIA: UMA AÇÃO PARA AUMENTO DA EFICÁCIA DO SENSO DE PERTENCIMENTO.....	15
2.3 ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL	16
3 METODOLOGIA	18
3.1 PARTICIPANTES	18
3.2 PROCEDIMENTOS	18
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
4.1 CATEGORIAS DO MODELO SENSO DE PERTENCIMENTO SEGUNDO HOFFMAN <i>ET</i> <i>AL.</i> (2003)	19
4.1.1 Fatores Importantes à "Qualidade" da Relação Estudante/Pares.....	20
4.1.2 Fatores Importantes à "Qualidade" da Relação Estudante/Corpo Docente	21
4.2 NOVAS CATEGORIAS.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE 01 – RELATÓRIO DE PRODUÇÃO TÉCNICA/TECNOLÓGICA	32
APÊNDICE 02 – PRODUTO TÉCNICO	34

1. INTRODUÇÃO

Embora a universidade contribua para o desenvolvimento e a ampliação de habilidades no campo profissional e pessoal, ela pode ser um ambiente bastante singular para os estudantes, em especial para aqueles que são considerados estudantes universitários de primeira geração (*First-Generation College Student* – FGCS, conforme PRATT *et al.*, 2019) e para os que concluem o ensino médio e logo ingressam no ensino superior.

O ambiente universitário, em especial os das Universidades Federais de Ensino Superior (UFES), difere-se bastante do encontrado no ensino médio, este caracterizado pela forma diretiva na condução do aluno no repertório de ensino-aprendizagem. Na escola, o aluno acaba por ter uma atitude de passividade frente à vida escolar, já que as rotas curriculares e de aprendizagem já estão pré-definidas (TEIXEIRA *et al.*, 2008). Além disso, o grau de participação do aluno na instituição e nas relações estabelecidas entre colegas e professores é baixo, havendo poucas possibilidades de criação de uma experiência efetivamente singular. O “lugar” social destinado ao alunado na escola é claramente demarcado, parametrizado pela rígida hierarquia existente entre docentes e discentes, impactando diretamente na relação de aprendizado e nas experiências extraclasse.

Na Universidade, principalmente nas UFES, há uma outra configuração das relações de ensino-aprendizagem marcadas pelo alto grau de liberdade dos discentes em criarem suas próprias trilhas de aprendizagem, diretamente relacionadas aos conteúdos curriculares ou extraclasse (ALMEIDA, 2007). Outra lógica de relacionamento interpessoal caracteriza o ambiente universitário. Seja entre os colegas ou mesmo entre os professores, um ambiente mais participativo é apresentado aos alunos.

Há também todo um aporte simbólico em tornar-se um universitário, carregado pela transição da vida adolescente para a adulta, através do ensino profissional, em que o aluno terá que fazer escolhas sobre sua carreira, as preferências técnicas/epistemológicas, estabelecer suas redes de contato e aprender a apresentar-se como profissional ao mercado de trabalho (ALMEIDA, 2007; TEIXEIRA, 2008; SOARES *et al.*, 2014)

Devido à necessidade dos estudantes conciliarem as exigências acadêmicas com suas motivações e interesses pessoais, alguns autores têm considerado o primeiro ano de graduação como um processo crítico de adaptação (ARINO; BARDAGI, 2018; HAKTANIR *et al.*, 2018), demonstrando sua associação com doenças relacionadas à ansiedade e depressão, e com a ocorrência de evasões.

Tal quadro é agravado pelo imaginário em torno da vida universitária, largamente propagada pelas mídias e meios de comunicação, como é o caso dos filmes hollywoodianos, que retrata esse período como sendo “os melhores anos de sua vida”, pautado em festas, encontros alegres, diversão e amizades. Este imaginário exclui da vida universitária as dificuldades referentes ao ajustamento do FGCS às demandas universitárias. Esse descompasso desencadeia sentimento de insegurança e frustração, impactando no aumento do isolacionismo e baixo envolvimento acadêmico (PRATT *et al.*, 2019).

No ensino superior há flexibilização de currículos, disciplinas e do tempo, sendo de responsabilidade do aluno seu processo de aprendizagem, além de ser cobrada autonomia para participação e cumprimento de atividades curriculares e extracurriculares, como projetos de extensão, de iniciação científica, palestras, cursos, congressos e outros (ALMEIDA, 2007; TEIXEIRA, 2008; SOARES *et al.*, 2014).

Para o entendimento do que é ser universitário e se compreender os dilemas relacionados a isso, este artigo se propõe a discutir dois conceitos importantes no campo teórico do ensino de Administração que são “senso de pertencimento” (HOFFMAN *et al.*, 2003; AHN; DAVIS, 2019; HURTADO; ALVARADO; GUILLERMO-WANN, 2015; TINTO, 2017) e “mentoria” (EVERETT, 2019; HALL e JAUGIETIS, 2011; LANE, 2018; MOSCHETTI *et al.*, 2018).

Uma análise inicial da bibliografia sobre o ser universitário, realizada nas plataformas Portal de Periódicos CAPES, Scopus, Redalyc e Scielo, em um recorte de 10 anos (2020-2010), nos mostrou que as principais pesquisas e seus achados passaram pela avaliação do que se chama teoricamente de Senso de Pertencimento. Ele é responsável pelos ingressantes se sentirem mais facilmente adaptados ao ambiente universitário (TINTO, 2017; HOFFMAN *et al.*, 2003; EVERETT, 2019; AHN; DAVIS, 2019), minimizando os impactos culturais, sociais e até mesmo econômicos vivenciados normalmente pelos alunos do primeiro ano do ensino superior. Assim, percebe-se a importância do conhecimento do conceito de senso de pertencimento tal qual ele é abordado na literatura.

O que se percebe na análise inicial é que há uma infinidade de conceitos de senso de pertencimento, que derivam em modelos teóricos específicos, com construtos delimitados, gerando metodologias diversas e construindo-se modelos mentais diferenciados sobre a forma de se adequar as expectativas dos ingressantes à vida universitária. Assim, frente a tantas abordagens, entende-se ser importante desenvolver uma pesquisa que analise criticamente os modelos existentes de senso de pertencimento. Essa análise contribuirá ao processo de tomada de decisão da gestão educacional sobre os alunos ingressantes, evitando-se evasões, por exemplo.

Assim, conjugando-se os estudos de senso de pertencimento (HOFFMAN *et.al.*, 2003; AHN; DAVIS, 2019; HURTADO; ALVARADO; GUILLERMO-WANN, 2015; TINTO, 2017) com os de mentoria (EVERETT, 2019; HALL e JAUGIETIS, 2011; LANE, 2018; MOSCHETTI *et al.*, 2018), este trabalho visa compreender como se dá o processo de tornar-se universitário à luz do conceito senso de pertencimento, através de uma proposta de reformulação do modelo de senso de pertencimento utilizado por Hoffman *et al.* (2003), buscando possibilidades para uma melhor gestão acadêmica e mitigação de possíveis sofrimentos pessoais que os alunos possam sofrer devido às inadequações e frustrações próprias do ingresso na vida universitária.

Acredita-se que este estudo é importante à medida que seus dados serão capazes de contribuir para os acadêmicos e pesquisadores que buscam entender o fenômeno dos ingressantes nos cursos universitários. É fundamental este estudo também para os gestores educacionais, pois com a compreensão dos modelos críticos de senso de pertencimento e de mentoria, eles poderão propor ações mais efetivas para a chamada “taxa de sucesso” nos cursos de Administração e o aumento da retenção de estudantes.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 SENSO DE PERTENCIMENTO

Buscando compreender como se estrutura a boa socialização dos FGCS, pesquisadores chegaram em um certo consenso de que o ponto nodal é o senso de pertencimento (RAYLE; CHUNG, 2008; EVERETT, 2019; HAKTANIR *et al.*, 2018; HOLT; FIFER, 2018; PRATT *et al.*, 2019; TINTO, 2017) . Por meio dele é possível estudar a influência do contexto acadêmico e social das universidades nas vivências dos estudantes (TINTO, 2017). Pode-se considerar que os estudos sobre sentimento de pertencimento começaram com Maslow (1954) em sua hierarquia das necessidades. Denominado por ele de “amor e pertença”, esse senso se refere à necessidade natural que os seres humanos possuem de se relacionar afetivamente com outras pessoas e de se sentirem parte de um grupo ou comunidade.

Alguns anos depois, Hagerty *et al.* (1992) definiram o senso de pertencimento como “a experiência de envolvimento pessoal em um sistema ou ambiente, para que as pessoas se sintam parte integrante desse sistema ou ambiente” (p. 173). Assim, no campo da educação, o senso de pertencimento se refere à percepção dos estudantes de serem aceitos e conectados à instituição (AHN; DAVIS, 2019).

O senso de pertencimento é entendido como uma via de integração dos FGCS ao novo ambiente. O estudo produzido por Hoffman *et al.* (2003), propõe que para o desenvolvimento do senso de pertencimento é necessário que seja estimulada a criação de laços interpessoais entre alunos e entre alunos e professores. Inclui, portanto, a percepção de apoio social e acadêmico, sensação de conforto pessoal no ambiente da sala de aula, sentimento de valorização e percepção da faculdade como humana e compassiva. Estar envolvido e integrado, nas palavras dos autores, é ter a experiência de sentir-se valorizado, necessário e importante para os outros, e ter seus valores e características compartilhados pelas outras pessoas (HOFFMAN *et al.*, 2003).

Existem trabalhos recentes que tratam da temática senso de pertencimento no ambiente acadêmico. No entanto, são pesquisas que se direcionam à determinados aspectos como características de gênero (RAINEY *et al.*, 2018), raça (VACCARO; NEWMAN, 2016; RAINEY *et al.*, 2018; HUSSAIN; JONES, 2019; MUSEUS; YIN; SAELUA, 2017), etnicidade (HUSSAIN; JONES, 2019; SINGH, 2018; TACHINE; CABRERA; YELLOW BIRD, 2016) orientação sexual (VACCARO; NEWMAN, 2017), bem como se o estudante é imigrante ou ingressou na instituição de ensino por meio de transferência de outras instituições etc, sendo, portanto, importantes, mas em sua maioria, estudos que utilizaram métodos quantitativos ou de escalas unidimensionais.

Dessa forma, embora nenhuma etapa adicional tenha sido realizada pelos autores para avaliar sua medida, o modelo de Hoffman *et al.* (2003) foi escolhido como inspiração uma vez que:

1. Além de ser um dos primeiros estudos a tratar do senso de pertencimento no ambiente universitário, possui uma escala de medidas multidimensionais de pertencimento para analisar a conexão dos estudantes à Universidade, abordando a necessidade e importância de adicionar ao conceito de senso de pertencimento elementos como relacionamentos com colegas, experiências com professores, participação em atividades no campus, mudanças e desafios enfrentados desde o início do semestre, estressores no ambiente escolar, satisfação com a Universidade e intenções de persistir.
2. O estudo posterior desenvolvido por Tovar e Simon (2010) comprovou a confiabilidade e a vantagem significativa em utilizá-lo em mais pesquisas.

De acordo com Hurtado, Alvarado e Guillermo-Wann (2015), é possível que estudantes estejam envolvidos em atividades acadêmicas mas não integrados de forma benéfica, ou seja, de forma que se sintam parte da comunidade do campus. Para eles, há três variáveis fundamentais para o senso de pertencimento dos alunos na universidade, discriminação e

preconceito, validação acadêmica e validação interpessoal. A discriminação e preconceito diz respeito a experiência de discriminação por funcionários, professores e outros alunos, que pode ser presenciada na forma de comentário insensíveis ou depreciativos, imagens ofensivas e exclusão; a validação acadêmica é a percepção de comportamentos docentes que promovem o desenvolvimento acadêmico, como incentivo à participação em discussões; e a validação interpessoal se refere ao reconhecimento de que a equipe docente e de funcionários da instituição se interessa pelo desenvolvimento e sucesso dos alunos (HURTADO; ALVARADO; GUILLERMO-WANN, 2015).

Hurtado, Alvarado e Guillermo-Wann (2015) constataram que quanto maior o nível de discriminação percebida pelos estudantes, conseqüentemente menor é o sentimento de pertencimento deles à comunidade universitária. Todavia, os resultados da pesquisa também sugerem que as ações que visam incluir os alunos e empoderá-los podem amenizar os efeitos das experiências discriminatórias e despertar um sentimento de pertencimento.

Tinto (2017) argumenta que quando os estudantes ingressam no ensino superior eles possuem diferentes objetivos, que podem até não ser tão claros, mas que provocam diferentes experiências na universidade. Assim, quando os interesses dos estudantes não são apoiados pela instituição, sensações de desconexão acadêmica podem ocorrer, e conseqüentemente, uma falta de senso pertencimento.

Conforme demonstrou a análise bibliográfica, o senso de pertencimento surge da percepção dos alunos de que eles são valorizados e representados no ambiente acadêmico, ou seja, quando se sentem parte de uma identidade coletiva. A identidade coletiva ou social pode ser entendida como a imagem que os indivíduos têm de si mesmos resultante do pertencimento a determinados grupos sociais, bem como das emoções e atribuições de valor relacionadas a eles (KERBY, 2015).

Posto isso, para que os estudantes se sintam pertencentes ao ambiente universitário é necessário que as práticas adotadas pelas instituições de ensino sejam voltadas para despertar esse sentimento. Um meio eficaz de promover a integração é a adoção de ferramentas que permitam o compartilhamento de experiências acadêmicas e sociais tais como programas de mentoria, programas de recepção de calouros, orientação por pares, comunidades de aprendizagem e seminários para o primeiro ano (HOFFMAN *et al.*, 2003; TINTO, 2017; MOSCHETTI *et al.*, 2018; LANE, 2018).

2.2 PROGRAMAS DE MENTORIA: UMA AÇÃO PARA AUMENTO DA EFICÁCIA DO SENSO DE PERTENCIMENTO

Segundo Metros e Yang (2006), a mentoria na forma como a concebemos atualmente assemelha-se à relação mestre-aprendiz na aquisição de conhecimentos sobre um ofício. É possível encontrar registros antigos sobre essa relação na forma de transmissão de valores sociais, pessoais e espirituais aos homens jovens na Grécia antiga. No entanto, foi entre os anos 1970-80, que a mentoria, tradicionalmente associada a profissões como direito, medicina e negócios foi empregada como uma ferramenta a fim de desenvolver o capital humano nas organizações (METROS; YANG, 2006).

Na literatura acadêmica, o termo começou a aparecer no início dos anos 1980, na área de enfermagem e apesar do conceito ser relativamente novo no ensino superior (LANE, 2018) os programas de mentoria foram amplamente adotados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) como uma estratégia para promover a permanência dos seus estudantes. Esses programas são compostos de orientação, aconselhamento e assistência (EVERETT, 2019), os quais são voltados para alunos do primeiro ano de graduação, minorias, estudantes de primeira geração dentro do núcleo familiar e estudantes em risco de saída, visando melhorar sua experiência e ajudar na transição da escola para a universidade (HALL; JAUGIETIS, 2011).

Os mentores geralmente classificados como indivíduos que ajudam seus mentorados a lutarem por determinados objetivos e a desenvolver habilidades necessárias aos desafios futuros, compartilhando dificuldades e obstáculos que eles mesmos enfrentaram, fornecendo, assim, não apenas recursos e oportunidades importantes, mas também apoio moral (MOSCHETTI *et al.*, 2018).

De acordo com o estudo bibliométrico realizado por Albanaes, Soares e Bardagi (2015), os programas de mentoria são recentes no Brasil, encontrados na literatura em maior volume entre 2011 e 2012 e foram aplicados, em sua maioria, em cursos na área da saúde como medicina, enfermagem e psicologia, e em outros como administração e engenharia. No campo da medicina por exemplo, a mentoria é feita ou por um aluno mais experiente que guiará o estudante recém-chegado ao curso, ou por um professor, comumente chamado de tutor. E assim como em outras áreas, ela pode ocorrer individualmente ou em grupos, e seu objetivo é aconselhar, guiar e facilitar a construção do conhecimento no âmbito profissional e pessoal (ALBANES; SOARES; BARDAGI, 2015)

Em alguns casos, a mentoria faz parte de um programa ainda maior, desenvolvido pela instituição de ensino em conjunto com profissionais da área da psicologia e pedagogia, como

no chamado Programa de Educação Tutorial (PET), formado por um grupo de estudantes orientados por um tutor, com a finalidade de proporcionar vivências e experiências extracurriculares que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e profissional do estudante, integrando atividades de ensino, pesquisa e extensão (DEARO; NAKAYAMA; ROSSIT, 2017).

Pesquisas que analisaram alguns programas de mentoria demonstraram sua eficácia na redução dos níveis de estresse e ansiedade durante a transição dos alunos do ensino médio para o ensino superior (LANE, 2018; HOFFMAN *et al.*, 2003), no aumento da integração e conexão com a universidade (MOSCHETTI *et al.*, 2018; HALL; JAUGIETIS, 2011), no crescimento da taxa de retenção dos estudantes, no desenvolvimento de novos relacionamentos dentro e fora de sala, e na percepção de apoio e pertencimento (HOFFMAN *et al.*, 2003; HALL; JAUGIETIS, 2011).

2.3 ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

De acordo com o relatório de 2019 da *Education at a Glance*, os cursos de Negócios, Administração e Direito são os mais populares dentro do Ensino Superior no Brasil, os quais representam 33% dos recém graduados no país. Segundo o Censo da Educação Superior, no ano de 2018, houve um total de 654.843 matrículas e 284.541 ingressantes no curso de Administração, ficando o mesmo em terceiro lugar dentre os mais procurados, atrás apenas dos cursos de Direito e Pedagogia, respectivamente. Entre as 2.537 instituições de Educação superior, 1.606 ofertam o curso de Administração (INEP, 2019).

Os primeiros cursos de Administração no Brasil que se tem conhecimento datam de 1902, nas escolas particulares Academia de Comércio, em São Paulo e Escola Álvares Penteado, no Rio de Janeiro, quando o ensino ainda era associado às Ciências Econômicas. Regulamentado apenas em 1931, com a criação do Ministério da Educação, passou a ser conhecido como Curso Superior de Administração e Finanças (COELHO; NICOLINI, 2014).

No entanto, foi na década de 1950, com a entrada de mais capital estrangeiro, em especial com a chegada das empresas montadoras Volkswagen e Mercedes, e após o movimento de 1930, que o ensino de gestão voltou-se para preparar pessoal especializado para trabalhar na administração pública e privada, associada à demanda por gestores públicos para o atendimento das exigências do desenvolvimento que passava pelo país e de gestores privados para as empresa (MARANHÃO, 2010; OLIVEIRA; LOURENÇO; CASTRO, 2015).

A utilização de modelos norte-americanos na estruturação das organizações brasileiras moldou a forma como era empregado o ensino de Administração no Brasil, fato que pode ser verificado pela criação do Programa de Ensino de Administração Pública e de Empresas em 1959, uma parceria entre o Ministério da Educação e Cultura, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), a Fundação Getúlio Vargas (FGV), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Instituto de Assuntos Interamericanos e a Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica do Brasil (USOM), que visava prover pessoal competente para trabalhar em setores públicas e privadas (FISCHER, 1984).

Contudo, foi em 1966 que o Conselho Federal de Educação estabeleceu o currículo mínimo com os parâmetros para a formação superior e a atuação profissional dos chamados Técnicos em Administração, profissão que foi regulamentada no ano anterior pela Lei nº 4.769/65, restrita aos bacharéis em Administração formados no Brasil. Mas por ser bem delimitada e pouco flexível, em 1993 foi definida uma resolução para alterar a antiga diretriz curricular de 1966, conferindo maior liberdade para as IES estruturarem seus conteúdos programáticos, critérios de avaliação e formação dos alunos, referencial bibliográfico, isto é, sua proposta pedagógica para o curso de Administração (MARANHÃO, 2010).

Conforme Maranhão (2010), dado que o surgimento do curso de Administração no Brasil foi suscitado pelos princípios desenvolvimentistas dos anos 50, influenciados pelos paradigmas de países mais desenvolvidos como os Estados Unidos e em prol da formação de profissionais aptos para atuar no mercado, sua estruturação deu-se mais pela manutenção e valorização de um ensino técnico, voltado ao desenvolvimento de competências trabalhistas, em detrimento de uma formação crítica, em que o aluno é estimulado a ampliar a consciência do impacto social e econômico da sua atuação profissional.

De acordo com Tinto (2017), a interação entre o senso de pertencimento e os métodos de ensino, a qualidade institucional e o estilo de aprendizagem moldam as vivências e a intenção de persistir dos estudantes durante a graduação. Diante disso, embora exista a possibilidade de as Instituições de Ensino Superior (IES) estruturarem os conteúdos programáticos, é possível que as influências técnicas do curso de Administração possam dificultar a criação de um ambiente mais humano e receptivo como se espera de uma mentoria, uma vez que existem dilemas que são próprios desse programa, tais como a qualidade do relacionamento mentor-mentorado (COLVIN; ASHMAN, 2010) e questões relacionadas a estrutura, organização e escolha dos conteúdos a serem abordados (ALBANAES; SOARES; BARDAGI, 2015).

3 METODOLOGIA

Buscando entender quais são os elementos que influenciam o senso de pertencimento do estudante universitário à sua UFES, foi utilizada a coleta de dados qualitativa interpretativista. O paradigma interpretacionista foca na compreensão do fenômeno estudado a partir da interpretação que os sujeitos constroem da realidade, a qual envolve a experiência subjetiva em termos de cultura, relacionamentos e visões dos atores envolvidos no contexto social, manifestados através da linguagem (PROLO; LIMA; DA SILVA, 2018).

O grupo de foco foi determinado como a melhor técnica de coleta de dados, uma vez que as interações derivadas da dinâmica grupal em torno de um determinado fenômeno em discussão possibilitam um melhor entendimento sobre as percepções, ideias e sentidos que os sujeitos possuem sobre determinado tema (DI TULLIO *et al.*, 2019).

3.1 PARTICIPANTES

Participaram do estudo descritivo inicial 14 estudantes, 71,43% mulheres e 28,57% homens, do curso presencial de Administração de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais que estavam concluindo o primeiro ano de graduação na instituição.

A decisão de escolha de amostragem foi por conveniência, por meio de convites em salas de aula, uma vez que o propósito principal da pesquisa não é generalizar os dados obtidos, mas analisar o que pode ser julgado como eixo comum da experiência dessas pessoas, reconhecendo que há diferentes mediações que acompanham os sujeitos em sociedade.

A composição da amostra por conveniência é um método da amostragem não probabilística, e sua escolha geralmente está atrelada à acessibilidade aos elementos da população e sua disponibilidade, à representatividade desejada, bem como a necessidade de tempo, recursos financeiros e humanos (OLIVEIRA, 2001).

Um importante requisito para a formação de grupos focais é o tamanho da sua amostra. É recomendado que ela se mantenham o mais próximo da quantidade de 12 participantes (DOMINIC, 2012; DI TULLIO *et al.*, 2019) e não seja homogêneo, dado que um grupo grande e/ou uniforme pode dificultar a comunicação e a diversidade (KITZINGER, J.; BARBOUR, 1998)

3.2 PROCEDIMENTOS

O grupo focal foi realizado em uma sala de aula da própria instituição em que os participantes estão matriculados, e teve a duração de 50 minutos. É importante frisar que esse encontro aconteceu antes da pandemia de COVID-19, em 04 de setembro de 2019.

Antes de iniciarmos as discussões, foi entregue aos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa com itens como o propósito, os riscos, benefícios e direitos atrelados a participação no projeto, visando garantir para a confidencialidade e o alcance dos objetivos da pesquisa.

Inicialmente o projeto foi enviado e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da instituição estudada, com protocolo número 24674719.8.0000.5150. Após os alunos assinarem o termo, eles foram convidados a responderem algumas perguntas e começarmos as discussões.

A construção do roteiro para o grupo focal se baseou em dois eixos de análise. O primeiro buscou compreender os significados atribuídos pelos alunos à sua experiência de ingressar e ser um estudante de Administração de uma UFES, com questões que procuravam temas e padrões do processo de adaptação à vida universitária. Já o segundo pretendeu averiguar a necessidade de implantação de um programa de mentoria, bem como o desejo e opinião dos alunos sobre ele, com vistas a auxiliar na sua formulação.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a coleta de dados, realizou-se uma análise de conteúdo mista. A análise de conteúdo é uma técnica de análise de comunicações que objetiva produzir inferências a partir da ocorrência de determinados termos, construções e referências presentes nos discursos, apoiadas em pressupostos teórico (CAMPOS, 2004).

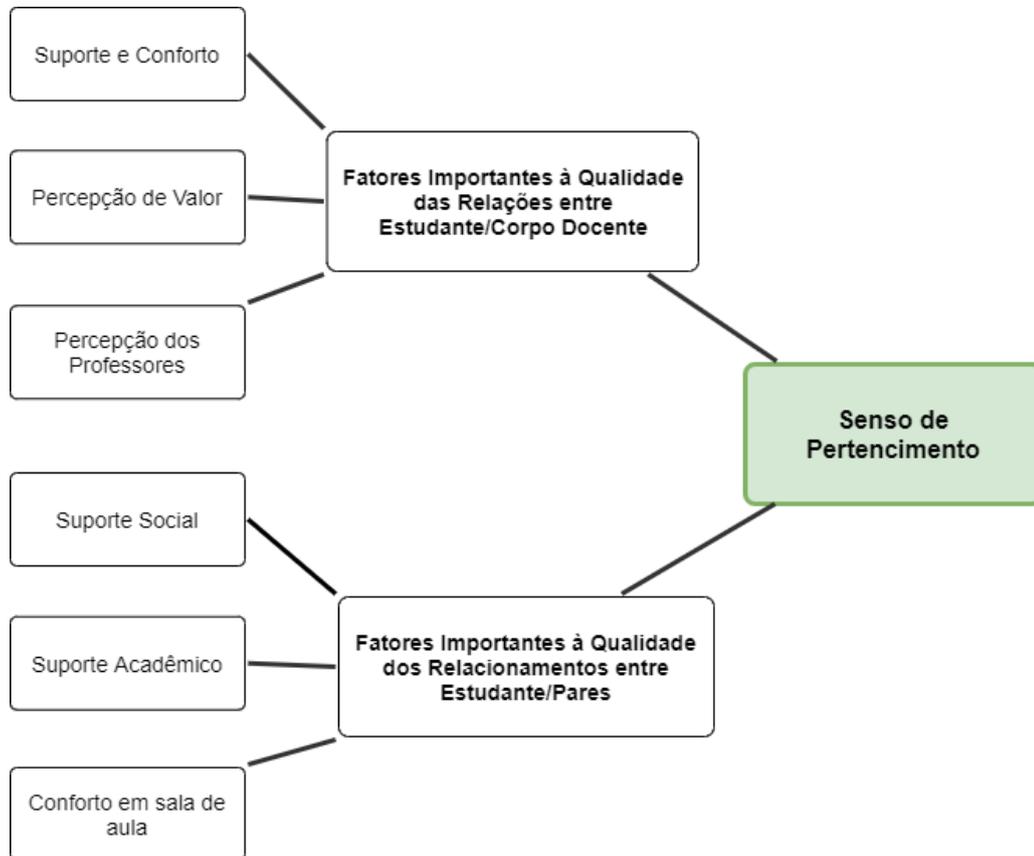
O processo de categorização é misto, pois buscou primeiro verificar quais eram os parâmetros comuns da experiência dos alunos durante o ingresso na vida universitária, os quais emergiam do contexto das respostas. O segundo passo foi investigar se as informações apresentadas pelos alunos iriam se associar às classificações presentes no paradigma de senso de pertencimento proposto por Hoffman *et al.* (2003). Aprofundando a compreensão dos resultados, os aspectos que não se incluíam no modelo serviram de base para a formação de novas categorias, sendo estas, as que mais apareciam entre as falas do grupo de foco e traduziam essa nova etapa de vida de estar em uma UFES.

4.1 CATEGORIAS DO MODELO SENSO DE PERTENCIMENTO SEGUNDO

HOFFMAN *ET AL.* (2003)

A figura 1 é uma representação gráfica do modelo de Senso de Pertencimento proposto por Hoffman *et al.* (2003), demonstrando as relações existentes entre as variáveis encontradas no estudo e a influência delas na manifestação desse construto, em verde.

Figura 1 - Esboço Modelo Senso de Pertencimento



Fonte: Elaborado pela autora, baseado no modelo de Hoffman *et al.* (2003).

4.1.1 Fatores Importantes à "Qualidade" da Relação Estudante/Pares

Suporte social

Verificou-se que o distanciamento das relações sociais estabelecidas antes do ingresso na universidade e a necessidade de formar novas amizades foi um processo desafiador na transição, uma vez que os alunos se sentiam inseguros em relação a forma como seriam recebidos no campus, e como iriam interagir com os outros estudantes, como ilustra a fala abaixo.

“Fora que além de todo o prazo de entrar na faculdade, tem a integração, a forma como você interage, que todo mundo vai chegar.” (Participante A4)

O ambiente de sala propiciou aos estudantes o desenvolvimento de amizades que muitas vezes se ampliam para além de aspectos meramente acadêmicos e se estabelecem em dimensões mais sociais da vivência universitária, como alunos se reunirem para “*beber quarta-feira à noite*”. Contudo, por mais que a sala de aula tenha possibilitado o surgimento de vínculos afetivos entre os alunos, ela por si só não foi capaz de estimular o contato e integrar os calouros com outros agentes da comunidade universitária, fato este demonstrado nos relatos frequentes dos alunos sobre não conhecerem e se relacionarem com estudantes de outros períodos/turmas, conhecidos como seus veteranos, e com pessoas de outros cursos.

“(…) até seus veteranos, a gente não conhece eles. Então se tivesse alguma disciplina ou alguma atividade interdisciplinar que a universidade oferecesse seria interessante para os calouros, para conhecer pessoas além daquelas que são da sua sala”. (Participante A5)

Suporte Acadêmico

Nas discussões do grupo de foco não foram apresentados dados relacionados ao apoio entre pares em questões acadêmicas. O que os alunos descrevem é que a aprendizagem no Ensino Superior é um “*processo bem independente e autônomo*”, e sugerem que o suporte recebido veio mais informalmente de familiares e amigos.

4.1.2 Fatores Importantes à “Qualidade” da Relação Estudante/Corpo Docente

Percepção dos Professores

As percepções dos alunos sobre seus professores se modificaram ao longo do tempo. Os dados revelam sensações de acolhimento vindo dos professores nas primeiras semanas do curso, sendo caracterizados como “*bem receptivos*” e “*norteadores*”. No entanto, verificou-se que, à medida que as interações em sala foram sendo estabelecidas, novas assimilações foram formadas pelos alunos, alterando a forma como eles enxergam seus professores, agora “*mais ríspidos*” e distantes.

“(…) acho que existe, principalmente entre os calouros, esse distanciamento assim. Eu acho que não só entre os calouros, mas as pessoas têm medo dos seus professores, e eles realmente gostam de causar esse sentimento (...) porque às vezes o aluno tem vergonha de falar com o professor, de ir a sala do professor. (Participante A3)

Percepção de Valor

A declaração do participante A3 ilustra que a ausência de proximidade entre os alunos e seus professores em sala parece ter contribuído para uma maior percepção de marginalidade. Além disso, a preocupação dos professores quanto ao desempenho das suas turmas nas

disciplinas parece ter tido um efeito contrário ao esperado, causando sensações de tensão ao invés de zelo.

Suporte e Conforto

Além da tensão, os alunos também transmitiram sensações de ansiedade ligadas à maneira como as interações com seus professores serão estabelecidas ao longo do curso, e à forma como as atividades educativas serão conduzidas em cada aula. Eles ainda se sentem desconfortáveis em abordar seus professores quando precisam discutir assuntos acadêmicos e/ou pessoais, o que também contribui para sentimentos de alienação.

4.2 NOVAS CATEGORIAS

Valor da experiência

Os participantes da pesquisa, em sua maioria, eram jovens que ingressaram no ensino superior logo após se formarem no ensino médio, e, portanto, passaram pelo processo de tornar-se universitário ao passo que vivenciavam o momento da transição à vida adulta. Ser estudante de uma Universidade Federal foi descrito pelos alunos como uma oportunidade de **desenvolver autoconhecimento e crescimento pessoal, bem como ampliar a rede de contatos, o aprendizado e respeito às diferentes crenças e culturas existentes.**

Esses resultados foram considerados pelos participantes como consequência da necessidade de lidar não apenas com as demandas acadêmicas da vida na universidade, mas também sociais e pessoais, como desenvolvimento de novos padrões de relacionamento, gestão financeira e de tempo.

“(…) Lógico que é estressante, que acontecem inúmeras situações mas todo dia você está vivendo uma coisa nova, conhecendo gente nova, acho que é um crescimento pessoal muito grande.” (Participante A6)

Embora os motivos que levam os estudantes a ingressarem no Ensino Superior e em uma UF não tenham sido incluídos na investigação, em determinado momento os participantes relacionaram a experiência de estar na universidade como um período de “*grande oportunidade para se tornar um grande profissional*”. E há entre eles uma preocupação relativa ao atual cenário socioeconômico enfrentado pelo Brasil e a conquista de oportunidades no mercado de trabalho após concluírem a graduação.

“(...) você sai da faculdade, que é um período em que você aproveitava para conhecer seus melhores amigos e de você aprender a maior carga de conhecimento de toda a sua vida, e você vai trabalhar, você não tem reconhecimento, você não tem dinheiro, você não consegue emprego....então você lembra que a fase que você poderia aproveitar muito mais e ser uma fase de você estar aplicando seu conhecimento e ganhando seu dinheiro você não consegue porque é um problema de realidade do país, contextual. (...) Essa coisa de pressão de ter uma carreira acadêmica necessariamente pra poder entrar no mercado de trabalho é muito nossa, então a gente entra muito novo, aprende as primeiras coisas, primeiras dificuldades, primeiras experiências tudo dentro da faculdade.” (Participante A9)

“Fato é que cada vez mais o mercado exige e as pessoas cada vez mais querem e precisam se manter na universidade.” (Participante A3)

Estratégias de enfrentamento

O período de adaptação à vida na universidade exige dos alunos ações que visem amenizar os dilemas enfrentados, e, para os alunos do grupo de foco, momentos de “*diversão*” são importantes artifícios para aliviar o estresse causado por essa nova realidade. Como demonstrou Haktanir *et al.* (2018), estudantes com níveis mais baixos de estresse tendem a se adaptar melhor ao ensino superior, no entanto é necessário que as instituições estejam atentas ao tipo de estratégia de enfrentamento utilizada por eles, pois certos comportamentos podem estar negativamente associados ao ajustamento à universidade, por exemplo, abuso de bebidas alcoólicas em períodos pré-provas.

“(...) E gestão do tempo, eu acho assim, gerir, como a A7 falou, não é só estudar, é se divertir também. Mas não é só se divertir quando você tem prova pra fazer, é o que eu vejo, e observo onde as pessoas pecam muito aqui é isso, tem prova todo dia e o estudante, um dia antes, tá lá enchendo a cara.” (Participante A3)

À vista disso, os estudantes julgam a gestão efetiva do tempo como o maior desafio desde a entrada na instituição, em especial para aqueles que possuem compromissos que exigem tempo e energia fora do campus, como emprego. Conciliar as diferentes exigências acadêmicas e pessoais, somada à certo despreparo e à preocupação em suprir as próprias expectativas, de familiares e do corpo docente em relação aos seus estudos, tem levado os alunos a descrever o primeiro contato com universidade como “*desesperador*”.

“Exatamente, frequência e coeficiente seis não adianta nada, não é nem o básico, você precisa ir atrás de um monte de coisa, pesquisa, participar de várias coisas, e é muita coisa de uma vez só. E a gente pensa que tem quatro anos nos estudos, que tá de boa, mas ano que vem já está acabando, o tempo tá passando e a gente tem que correr atrás de um monte de coisa.” (Participante A5)

“Pras pessoas que trabalham é bem cansativo gerir o tempo. Você sai do trabalho correndo, não dá tempo de almoçar, não dá tempo de trocar de roupa, é uma correria danada, aí vem [para a aula], aí saí daqui, aí volta pra casa, chega em casa, e você não consegue fazer nada.” (Participante A3)

Contudo, como demonstrado anteriormente, na opinião dos alunos foram os novos desafios enfrentados na universidade que estimularam neles o desenvolvimento de maior autoconhecimento, maturidade e resiliência.

Conhecimentos prévios

O pouco ou nenhum conhecimento sobre a realidade da vida universitária, contrastante com a concepção inicial que os alunos possuíam sobre o que é ser um estudante de universidade federal, parece ter contribuído para tornar o processo de adaptação mais árduo, levando os calouros a sentirem-se impressionados com o ambiente acadêmico. Para os alunos, esse contexto propicia sensações de frustração e atitudes de abandono, sendo de extrema importância que futuros ingressantes “*se informem mais sobre o curso*”, “*se informem bastante*”.

Escolha do curso

Na visão dos alunos, a graduação escolhida é um fator também determinante para o senso de conexão e conseqüente permanência do estudante no curso ou na própria instituição de ensino. Eles acreditam que parte das decisões de evasão podem ser ocasionadas quando o curso não atende as expectativas e interesses do estudante, ou ainda, quando o curso matriculado não fazia parte das escolhas principais.

“Eu vejo muita gente que veio pra cá [para o curso de Administração] mas que gostaria de ir para cursos mais socialmente aceitos. (...) Foi difícil eu aceitar que eu não era do curso de Direito.” (Participante A8)

Cultura do Campus

“*Aceitar as diferenças*” e “*diversidade*” foram alguns dos termos utilizados pelos alunos para refletir a realidade sobre estar em um campus universitário. As informações apresentadas pelos alunos expressaram aspectos relacionados à percepção de respeito e valorização de diferentes saberes, crenças e comportamentos existentes na universidade, e exprimem sentimentos de conforto e satisfação.

“Eu vejo isso [estar na universidade] como uma forma de inserção, de ativar a atividade intelectual e ir de encontro com a diversidade, como alguém já falou né? E é muito interessante pois eu me sinto super bem recebida.” (Participante A3)

Na universidade em questão, uma constante que chama bastante atenção é a tradição dos alunos de residirem em repúblicas estudantis com costumes e sistemas de gestão próprios, pilar da cultura institucional. Por conseguinte, os alunos demonstram que pertencer ou não à

uma república estudantil também pode influenciar a forma como a experiência universitária é vivida, abrangendo aspectos que envolvem desde questões financeiras à suporte acadêmico, social e contato com gerações de estudantes da mesma universidade.

“Tem muita gente que se mantém na universidade, talvez nem goste tanto do curso, mas porque quer ser decano [líder da república], quer se tornar um morador, que inaugurar um quadrinho lá e continuar vivendo tudo aquilo [depois de formado], todo os laços que fez (...) e isso segura muita gente aqui.” (Participante A8)

Suporte da universidade

Outra importante variável que contribuiu para aumentar sensações de acolhimento nos estudantes foi o suporte oferecido pela universidade. Alguns alunos relataram como foram cruciais os mecanismos de inclusão social para a manutenção da sua permanência na instituição. E um dado interessante apresentado foi eles classificarem o Restaurante Universitário (RU) como um dos melhores benefícios ofertados pela instituição.

“No início eu também estive pensando em desistir, mas não era nem em desistir, era uma questão se eu ia conseguir continuar por uma questão financeira. Então pra mim a questão financeira era algo que pesava muito, e eu só consegui continuar [no curso de Administração] por causa do auxílio da faculdade, se não, seria quase impossível continuar estudando.” (Participante A2)

Quando questionados sobre um futuro programa de mentoria, os alunos se mostraram entusiasmados e sugeriram que os mentores deveriam tratar de temáticas como **gestão do tempo, auxílios e oportunidades oferecidas pela Universidade e trâmites burocráticos**. Entre as discussões, alguns alunos concordaram que a instituição deveria oferecer, além de um programa de mentoria, uma ação de **assistência emocional, cognitiva ou relacional/interpessoal própria para os calouros**.

“(...) porque passa uma confiança maior quando você escuta uma pessoa que passou por aquilo que você vai passar, falando pra você alguns macetes.” (Participante A2)

Clima da cidade

As informações apresentadas evidenciaram que elementos externos à universidade e aos próprios estudantes podem influenciar seu processo de ajustamento ao ambiente acadêmico, e um desses componentes é o modo de vida local onde se situa o campus estudantil. Conviver com as práticas cotidianas, normas, valores e aspectos culturais expressos pelos indivíduos da região também faz parte da nova realidade vivenciada após o ingresso em um curso superior, sobretudo aos estudantes que se originam de cidades bastantes diversificadas econômica e culturalmente.

“Quem é do interior e passa em Belo Horizonte, por exemplo, ou quando você mora em Belo Horizonte e passa pra cá [para cidades do interior], é um ambiente totalmente diferente, e essa adaptação é muito difícil.” (Participante A1)

Os participantes da pesquisa demonstraram entusiasmo em conhecer melhor e participar de programas de monitoria e projetos de extensão e iniciação científica, o que representa uma disposição deles para o engajamento social. Segundo Museus, Yi e Saelua (2017), a procura por atividades que envolvam a transformação positiva de suas comunidades traduzem sensações de envolvimento com o clima do campus, que é um dos elementos que influencia positivamente o senso de pertencimentos dos alunos.

“Uma integração com a cidade, principalmente nos primeiros dias, quando você tá chegando, faria você também buscar além da universidade e devolver aquilo que você está vendo aqui, pelos menos uma parte daquilo para o restante das pessoas que já estão morando aqui” (Participante A2)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido destacar que embora a mentoria trabalhe fatores importantes para um melhor ajustamento dos estudantes durante a graduação, tais como suporte social e acadêmico, ela não deve ser considerada como o único caminho para se desenvolver o senso de pertencimento. Como demonstrado pelo grupo focal, há outros elementos de igual relevância que podem impactar a experiência de estar em uma universidade e modificar a forma como os alunos se associam à ela.

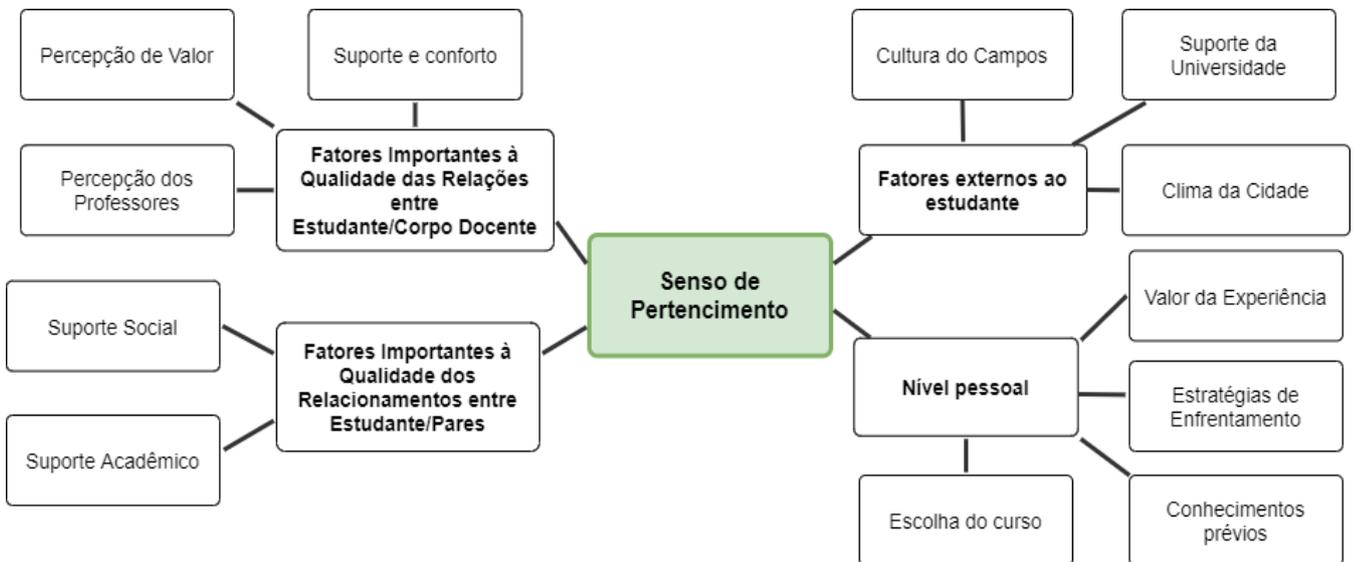
Apesar do modelo de senso de pertencimento de Hoffman *et al.*, (2003) apontar um conjunto de elementos capazes de fornecer uma base à interpretação de como os estudantes se conectam ao ambiente universitário, o levantamento de campo inicial deste estudo constatou que, dentro dos fatores importantes para um relacionamentos de qualidade entre estudante e seus pares, a categoria “conforto em sala de aula” não se ajustou.

Isso pode ser devido a uma diferença no próprio formato em que as aulas são ministradas nas universidades no Brasil e nos Estados Unidos, onde, neste último, os estudantes se dispersam mais de suas turmas iniciais e participam de disciplinas com grandes quantidades de alunos de diferentes cursos. Além disso, o modelo baseado tende a avaliar o senso de pertencimento dos alunos em um conjunto de elementos coletivos, de certa forma desconsiderando a esfera individual, ou mesmo externa à instituição de ensino, que também influencia a vivência universitária.

Dessa forma, embora o campo de pesquisa não tenha se adequadado totalmente ao paradigma de Hoffman *et al.* (2003), ele foi capaz de fornecer novas categorias que não estavam previstas, tais como valor da experiência, estratégias de enfrentamento, conhecimentos prévios,

escolha do curso, cultura do campos, suporte da universidade e clima da cidade, que contém elementos no plano coletivo e também individual.

Figura 2 - Modelo Senso de Pertencimento: novas categorias



Fonte: Elaborado pela autora.

A confirmação de modelos teóricos é um exercício importante, uma vez que ela traz robustez científica para eles, no entanto é importante ponderar que existem peculiaridades sociais, econômicas e culturais que muitas vezes podem se dissipar na busca pelo campo do saber. Dessa forma, além da verificação de um modelo sólido, a presente pesquisa empenha-se em valorizar as características, os saberes e as práticas do local em que o estudo está sendo feito, sem reproduzir uma lógica colonialista de que, porque existe um modelo americano consolidado, no Brasil ele funcionará da mesma maneira, entendendo que o fazer científico tem uma certa linguagem universal, porém ele também contém elementos das localidades pesquisadas.

A pesquisa de campo deste trabalho era a princípio um estudo descritivo, que tinha como objetivo auxiliar no entendimento do fenômeno estudado e viabilizar a construção de hipóteses a serem posteriormente exploradas em uma segunda investigação de campo. No entanto, devido a pandemia da covid-19, não foi possível realizar uma nova análise de campo, ficando o estudo limitado apenas aos dados coletados no primeiro grupo de foco.

Consequentemente, não foi possível fornecer condições para se avaliar e afirmar se as categorias descobertas na intervenção de campo são categorias que vão se sustentar em outras investigações. Sugere-se, portanto, como estudos vindouros, o desenvolvimento de mais pesquisas, de preferência na mesma região em que esta foi aplicada, respeitando, assim, as

importâncias locais na confirmação de modelos, ao passo que se examina se as categorias encontradas são perenes ou não, considerando também que a subjetividade dos estudantes pode se modificar constantemente, influenciada por questões sociais, políticas, culturais etc.

E, uma vez comprovado essa hipótese, é possível expandir o estudo para outras localidades, entendendo que o senso de pertencimento não possui um modelo fixo, mas flexível, que se configura e dialoga com diversas realidades. Logo, considera-se que a replicação em anos diferentes, departamentos diferentes e universidades diferentes sempre irá produzir respostas às categorias já apresentadas e possivelmente manifestará novas categorias que dizem respeito aquela “organização” educacional.

É importante destacar que, como argumentou o Instituto Jones dos Santos Neves (2018), o abandono escolar não é uma decisão imediata, mas um processo que se desenvolve ao longo do tempo, consequência de diferentes fatores, tais como o relacionamento com o corpo docente, as dificuldades de aprendizagem, a importância atribuída à educação, condições socioeconômicas etc, que podem ser monitoradas ao longo da trajetória do estudante.

Embora o foco da presente pesquisa não seja investigar os motivos que levam os estudantes a desistir do curso ou mesmo do Ensino Superior (ES), as variáveis presentes no modelo de senso de pertencimento de Hoffman *et al.* (2003) e as novas categorias descobertas no grupo de foco se assemelham aos itens presentes na Escala de Motivos para Evasão do Ensino Superior (M-ES) proposta por Ambiel (2015). Os componentes da M-ES agrupam itens que relacionam desde aspectos institucionais para evasão à desempenho acadêmico, relacionamentos interpessoais, incertezas profissionais e questões familiares e financeiras.

Dessa forma, é possível considerar que o modelo de senso de pertencimento contribui também para o entendimento do fenômeno da evasão no ES, uma vez que as suas variáveis refletem uma série de fatores que envolvem o ajustamento dos estudantes à Universidade, e que vão além de questões meramente acadêmicas, abrangendo aspectos mais sociais dessa nova experiência, e que estão associadas aos preditores da intenção de abandono escolar.

REFERÊNCIAS

AHN, M. Y.; DAVIS, H. H. Four domains of students' sense of belonging to university. **Studies in Higher Education**, v. 45, n. 3, p. 622-634. DOI: 10.1080/03075079.2018.1564902.

ALBANAES, P.; SOARES, F. M. S.; BARDAGI, M. P. Programas de tutoría y mentoría en universidades brasileñas: un estudio bibliométrico. **Revista de Psicología**, v. 33, n.1, p. 21-

56, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18800/psico.201501.002>. Disponível em: <http://marcalyc.redalyc.org/articulo.oa?id=337838597002>. Acesso em: 10 jun. 2020.

AMBIEL, Rodolfo A. M.. Construção da Escala de Motivos para Evasão do Ensino Superior. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 14, n. 1, p. 41-52, abr. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712015000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 mar. 2021.

ARINO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n.3, p.44-52, dez. 2018. DOI: 10.24879/2018001200300544. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198212472018000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2020.

COELHO, F. S.; NICOLINI, A. M. Revisitando as origens do ensino de graduação em administração pública no Brasil (1854-1952). **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 2, p. 367-388, 2014. DOI: /10.1590/0034-76121597. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/29611/revisitando-as-origens-do-ensino-de-graduacao-em-administracao-publica-no-brasil--1854-1952->. Acesso em: 13 jun. 2020.

DI TULLIO, A. *et al.* O potencial formativo dos grupos focais na constituição de educadoras/es ambientais. **Ciência & Educação**, v. 25, n. 2, p. 411-429, jun. 2019. DOI: 10.1590/1516-731320190020009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132019000200411. Acesso em: 05 ago. 2020.

EVERETT, M. C. Using student drawings to understand the first-year experience. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 12, n. 2, p. 202-220, 2019. DOI: 10.1177/1521025117696824.

FISCHER, T. Administração pública como área de conhecimento e ensino: a trajetória brasileira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 24, n. 4, p. 278-288, dez. 1984. DOI: 10.1590/S0034-75901984000400038. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901984000400038. Acesso em: 18 jun. 2020.

HAGERTY, B. M. K. *et al.* Sense of belonging: a vital mental health concept. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 6, n. 3, p. 172-177, jun. 1992. DOI: 10.1016/0883-9417(92)90028-H.

HAKTANIR, A. *et al.* Resilience, academic self-concept, and college adjustment among first year students. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 0, n.0, p.1-18, 2018. DOI: 10.1177/1521025118810666.

HALL, R.; JAUGIETIS, Z. Developing peer mentoring through evaluation. **Innovative Higher Education**, v. 36, n. 1, p. 41-52, 2011. DOI: 10.1007/s10755-010-9156-6. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10755-010-9156-6>. Acesso em: 11 jun. 2020.

HOFFMAN, M. *et al.* Investigating “Sense of Belonging” in first-year college students. **J. College Student Retention**, v. 4, n. 3, p. 227-256, 2002-2003. DOI: 10.2190/DRYC-CXQ9-JQ8V-HT4V.

HOLT, L. J.; FIFERM, J. E. Peer Mentor Characteristics That Predict Supportive Relationships With First-Year Students: Implications for Peer Mentor Programming and First-Year Student Retention. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 20, n. 1, p. 67–91, 2018. DOI: 10.1177/1521025116650685.

HURTADO, S.; ALVARADO, A. R.; GUILLERMO-WANN, C. Creating inclusive environments: the mediating effect of faculty and staff validation on the relationship of discrimination/bias to student's Sense of Belonging. **Journal Committed to Social Change on Race and Ethnicity**, v. 1, n. 1, p. 60-80, 2015. DOI: 10.15763/issn.2642-2387.2015.1.1.59-81.

HUSSAIN, M.; JONES, J. M. Discrimination, diversity, and sense of belonging: Experiences of students of color. **Journal of Diversity in Higher Education**, v. 14, n. 1, p. 63–71, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1037/dhe0000117>.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 08 jun. 2020.

KERBY, M. B. Toward a new predictive model of student retention in higher education: An Application of Classical Sociological Theory. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 17, n. 2, p.138–161, 2015. DOI: 10.1177/1521025115578229.

IJS - NINSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **TD 58 - Modelo de Predição do Abandono Escolar: Pesquisa Aplicada à Gestão de Educação**. Vitória: IJSN, 2018. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6453>. Acesso em: 30 mar. 2021.

LANE, S. R. Addressing the stressful first year in college: could peer mentoring be a critical strategy?. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 0, n. 0, p.1-16, 2018. DOI: 10.1177/1521025118773319.

MARANHÃO, C. M. S. A. **Indústria cultural e semiformação: Análise crítica da formação dos administradores**. Orientador: Ana Paula Paes de Paula. 2010. 250 f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper, 1954.

METROS, S. E.; YANG, C. The Importance of mentors. *In*: GOLDEN, C. **Cultivating Careers: Professional Development for Campus IT**. Washington: Educause, 2006. Disponível: <https://www.educause.edu/research-and-publications/books/cultivating-careers-professional-development-campus-it/chapter-5-importance-mentors>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MOSCHETTI, R. V. *et al.* Peer mentoring as social capital for latina/o college students at a hispanic-serving institution. **Journal of Hispanic Higher Education**, v. 17, n. 4, p. 375–392, 2018. DOI: 10.1177/1538192717702949.

- MUSEUS, S. D.; YI, V.; SAELUA, N. The impact of culturally engaging campus environments on Sense of Belonging. **The Review of Higher Education**, v. 40, n. 2, pp. 187-215, 2017. DOI: 10.1353/rhe.2017.0001.
- OLIVEIRA, A. L.; LOURENÇO, C. D. S.; CASTRO, G. C. Ensino de Administração nos EUA e no Brasil: uma análise histórica. **Revista Pretexto**, v. 16, n. 1, p. 11-22, 2015. DOI: 10.21714/pretexto.v16i1.1830. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/35278/ensino-de-administracao-nos-eua-e-no-brasil--uma-analise-historica->. Acesso em: 22 jul. 2020.
- PRATT, I. *et al.* Should I stay or should I go? Retention in First-Generation College Students. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 21, n. 1, p. 105-118, 2019. DOI: 10.1177/1521025117690868.
- PROLO, I.; LIMA, M. C.; DA SILVA, L. F. Os Desafios na adoção da tradição interpretativista nas Ciências Sociais. **Revista Diálogo**, v. 0, n. 39, p. 25-37, dez. 2018. DOI: 10.18316/dialogo.v0i39.4110.
- RAINEY, K. *et al.* Race and gender differences in how sense of belonging influences decisions to major in STEM. **International Journal of STEM Education**, v. 5, n.10, p. 1-14, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40594-018-0115-6>.
- RAYLE, A. D.; CHUNG, K-Y. Revisiting First-Year College Students' Mattering: Social Support, Academic Stress, and the Mattering Experience. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**. v 9, n.1, p 21-37, 2008. DOI: 10.2190/X126-5606-4G36-8132.
- TACHINE, A. R.; CABRERA, N. L.; YELLOW BIRD, E. Home away from home: Native American students' sense of belonging during their first year in college. **The Journal of Higher Education**, v. 88, n. 5, p. 785-807, 2017. DOI: 10.1080/00221546.2016.1257322.
- TINTO, V. Reflections on student persistence. **Student Success**, v. 8, n. 2, p. 1-8, jul. 2017. DOI: 10.5204/ssj.v8i2.376.
- TOVAR, E; SIMON, M. Factorial Structure and Invariance Analysis of the Sense of Belonging Scales. **Measurement and Evaluation in Counseling and Development**, v. 43, n.3, p. 199-217, 2010. DOI: 10.1177/0748175610384811.
- VACCARO, A.; NEWMAN, B.M. Development of a Sense of Belonging for Privileged and Minoritized Students: An Emergent Model. **Journal of College Student Development**, v. 57, n. 8, p. 925-942, 2016. DOI:10.1353/csd.2016.0091.

APÊNDICE 01 – RELATÓRIO DE PRODUÇÃO TÉCNICA/TECNOLÓGICA



RELATÓRIO DE PRODUÇÃO TÉCNICA/TECNOLÓGICA

Título da Produção Técnica/Tecnológica

Autor (es):	Karina da Silva Soares
--------------------	-------------------------------

Data e local da realização:	17/10/2020 Mariana-MG
------------------------------------	------------------------------

1. Tipo de Produção Técnica/Tecnológica

	Base de dados técnico-científica		Manual de operação técnica
X	Desenvolvimento de material didático e instrucional		Processos de gestão
	Desenvolvimento de Tecnologia social		Processo/Tecnologia não patenteável

2. Aderência ao Tema

Dentre as linhas de pesquisa e extensão do Observatório C.A.F.E., esta produção se encaixa na:

	Estudos Críticos Organizacionais: analisar e agir sobre a realidade organizacional sob a lente dos estudos críticos, desvelando as estratégias de dominação e alienação presentes nas formas atuais de estruturação do trabalho. As análises críticas organizacionais, eminentemente de natureza frankfurtiana, buscarão o desenvolvimento da emancipação humana e do desenvolvimento de formas mais justas e igualitárias de trabalho.
X	Formação e Ensino em Administração: compreender e agir sobre a realidade do ensino de Administração no país, bem como as formas de desenvolvimento da formação crítica do administrador. As pesquisas, de natureza crítica, se baseiam, eminentemente, na pedagogia crítica Freireana e Frankfurtiana, seja em seus autores de primeira, segunda ou terceira geração. O objetivo destes estudos é fomentar o pensamento reflexivo e a consciência crítica do administrador quanto a seu status de “técnico do saber prático”, tornando-o consciente dos significados sócio-culturais de sua profissão, criando, assim, condições de emancipação e autonomia do sujeito.

3. Impacto (especificar o tipo de demanda, objetivo da pesquisa e área impactada):

Os participantes da pesquisa de campo do projeto de iniciação científica “Como nos tornamos universitários? Considerações de ingressantes do curso de Administração de uma IFES” mencionaram que há pouco compartilhamento de informações sobre a universidade e a vida acadêmica dentro do *campus* nos períodos iniciais da graduação, o que acaba por dificultar o processo de adaptação dos alunos.

Dessa forma, como resultado desse estudo, foi elaborada uma cartilha de boas-vindas aos ingressantes, com o objetivo de contribuir para que eles tenham mais conhecimento sobre as oportunidades oferecidas pela universidade, os dilemas normalmente vivenciados pelos estudantes, além de sugestões para amenizar as adversidades referentes ao ajustamento. Seu conteúdo foi preparado com base nos relatos dos próprios alunos, com os quais foi possível listar os temas que precisam de maior atenção e que deveriam ser tratados.

4. Aplicabilidade

	Abrangência realizada
	Abrangência potencial
X	Replicabilidade

5. Inovação

	Produção com alto teor inovativo		Produção com baixo teor inovativo
X	Produção com médio teor inovativo		Produção sem inovação aparente.

6. Complexidade

	Produção com alta complexidade
X	Produção com média complexidade
	Produção com baixa complexidade

7. Desenho da Produção Técnica/Tecnológica

Pensando em uma intervenção pedagógica que possa auxiliar os estudantes durante a transição à universidade, sugere-se que a cartilha seja distribuída em grupo e, posteriormente, lida e discutida, buscando-se a opinião e o entendimento dos alunos sobre os tópicos abordados. O ideal é que ela seja entregue aos ingressantes no começo de cada semestre letivo.

8. Resultados da Produção Técnica/Tecnológica

Como resultado, espera-se que os estudantes leiam as orientações sugeridas na cartilha e possivelmente as apliquem em seu cotidiano, a fim de facilitar a adaptação deles à vivência universitária e aumentar a taxa de retenção.

9. Material Utilizado

A entrega da cartilha poderá ser impressa ou via pdf, através de e-mails ou site, sendo esta última uma opção que não gera custos adicionais.

APÊNDICE 02 – PRODUTO TÉCNICO

Entrei na UFOP, e agora?

Um guia sobre
oportunidades e vivências



Fonte: Google Imagens

POR KARINA SOARES E
CAROL SARAIVA

Ei, Calourx!

Esta é uma cartilha que tem como objetivo te mostrar um pouco mais da nossa instituição e da vida universitária, abordando oportunidades, dificuldades vivenciadas pelos estudantes e sugestões para tornar essa nova experiência mais simples e enriquecedora



Fonte: Google Imagens



Observatório em Crítica,
Formação e Ensino em
Administração

Coordenação: Profa. Dra. Carol Saraiva
e-mail: carolsaraiva@ufop.edu.br

<http://observatoriocafe.com.br/>

Possibilidades

APRIMORANDO SEUS CONHECIMENTOS

As oportunidades dentro da UFOP são diversas! Você pode concorrer em diferentes editais para ser bolsista em uma biblioteca ou um laboratório, por exemplo, para ser monitor de alguma disciplina que você tenha afinidade e mandou muito bem no semestre anterior, ingressar em um projeto de Iniciação Científica ou Extensão (que também oferece a chance de descolar aquela bolsa), ser membro do Centro Acadêmico e/ou da Empresa Jr. do seu curso, ou mesmo fazer parte do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e do PET

O que não falta são oportunidades para você aprender cada dia mais e se tornar um excelente profissional, ao passo em que contribui para o crescimento de outras pessoas e da Universidade. Além disso, todas essas atividades podem te ajudar a cumprir as horas extracurriculares que são exigidas em cada curso.

MOBILIDADES

Se você tem o sonho de estudar em uma universidade fora do Brasil saiba que na UFOP esse sonho pode se tornar uma realidade! Aqui, nós temos a



Fonte: Google Imagens

Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT), que é o setor que apoia os projetos de internacionalização da Universidade, e dentre suas ações existem aquelas relacionadas à mobilidade internacional.

A CAINT é responsável por elaborar e divulgar os editais de mobilidade, selecionar e montar os processos dos estudantes que estão saindo do país e os estrangeiros que estão chegando, orientar, estabelecer contato e convênio com Universidades e Centros de Pesquisa estrangeiros etc.

Sua sede fica no Centro de Vivência, no campus Morro do Cruzeiro. Entre em contato pelo telefone (31) 3559-1192 ou pelo site <https://caint.ufop.br/index.php>.

“Ah mas eu queria fazer mobilidade aqui no Brasil mesmo, tem como?” Claro que sim! Há também a possibilidade de cursar um semestre em universidades brasileiras por meio da mobilidade nacional. Para mais informações entre em contato com a PROGRAD.

PLATAFORMAS DE PESQUISA

É sempre muito importante utilizar uma fonte confiável para produzir seus trabalhos e melhorar seus conhecimentos! E pela UFOP temos acesso a alguns dos principais acervos acadêmicos online do mundo, como o Portal de Periódicos CAPES (<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>) e o banco de dados Scopus (<https://www.scopus.com/>)

Pelo site do Periódicos CAPES basta clicar em “Acesso CAFE”, buscar pela UFOP e logar com seu CPF e senha da MinhaUFOP, fácil né?! E ainda tem a opção de criar uma conta totalmente gratuita, com diversos recursos, como “guardar” seus artigos favoritos para ler depois.

Pelo Scopus é necessário estar dentro de algum campus da Universidade, conectado em sua rede de internet.

Existem várias outras bibliotecas virtuais de referência, para cada área do saber, e quanto mais fontes confiáveis você usar em suas atividades, mais qualidade elas terão, assim como seus resultados e desempenho. Aproveite!

BIBLIOTECA DIGITAL

Disponível através do portal **Minha UFOP > Biblioteca Digital > E-books Lectio**, a Biblioteca Digital da UFOP possui diversas obras nas áreas da saúde (editora Atheneu), das ciências humanas e sociais aplicadas (editora Zahar). Os livros também

podem ser baixados e lidos em modo off-line pelos apps Biblioteca Virtual e Minha Biblioteca.

CENTRO DE SAÚDE

Você sabia? A UFOP possui um Centro de Saúde, a UBS Bauxita, localizado na Rua Três, no campus Morro do Cruzeiro, em Ouro Preto-MG. Conveniado à Prefeitura Municipal de Ouro Preto e ao Sistema Único de Saúde (SUS), o centro oferece consultas gratuitas em diversas áreas, como clínica médica, pediatria, ginecologia, enfermagem, nutrição, psicologia, vacinas e imunizações, atendendo a comunidade assim como aos estudantes, técnico-administrativos e docentes da Universidade.

PSICOLOGIA DE PORTAS ABERTAS

A UFOP também oferece um serviço de atendimento psicológico à comunidade local e acadêmica através do projeto "Psicologia de Portas Abertas". Por meio dele são desenvolvidos diversos atendimentos grupais e individuais em psicoterapia e aconselhamento psicológico desenvolvidos por psicólogos da Coordenadoria de Saúde da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Prace) e dos Núcleos de Assistência Estudantil (Naces) de Mariana e de João Monlevade. Os pacientes também podem ser encaminhados para outros serviços, como o Serviço de Atendimento ao Estudante (SAE), Serviço de Atendimento ao Trabalhador (SAT), programas pertencentes à Pró-Reitoria Especial de Assuntos Comunitários e

Estudantis (Prace) ou então, para profissionais de Ouro Preto e Mariana conveniados com a Universidade.

Para os estudantes de Ouro Preto, os atendimentos são agendados através do email **portasabertas@saude.ufop.br**. Para estudantes de Mariana, o agendamento deve ser feito por telefone (031 3557-9448) ou presencialmente no NACE Mariana (sala 29, do bloco Reuni, ICHS). Em João Monlevade, o estudante deve procurar o NACE para se informar sobre os horários de atendimento.

PROGRAMAS DE BOLSAS

Ei Calourx, a UFOP oferece diversas bolsas para auxiliar você a ter uma formação excelente e de qualidade. As principais são:

- I. Programa de Assistência Estudantil
- II. Programa de Bolsa Acadêmica
- III. Programa de Bolsa de Desenvolvimento
- IV. Programa de Bolsa de Incentivo à Qualificação

As informações sobre os programas de assistência estudantil podem ser obtidas no site da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (<http://www.prace.ufop.br/>). No geral, elas visam facilitar o acesso à alimentação e o custeio de

despesas básicas para que os estudantes tenham condições de permanecer na Universidade e se dedicar à vida acadêmica.

Quadro 2: Bolsas do Programa de Assistência Estudantil

Bolsa	O que é	Objetivo
Bolsa Alimentação	É um benefício concedido através de depósito mensal de créditos na carteira de identidade estudantil.	Tem por objetivo proporcionar acesso subsidiado aos Restaurantes Universitários da UFOP.
Bolsa Permanência	Possui natureza social e pedagógica e tem por finalidade conceder aos estudantes suporte financeiro durante a graduação.	É um auxílio financeiro concedido ao estudante para sua permanência na Universidade.

Fonte: PRACE/UFOP. Disponível em: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/bolsas-0>. Acesso em 29 nov. 2020.

Há também o Auxílio Moradia, a Bolsa de Incentivo ao Desenvolvimento Acadêmico – PIDIC e o Programa de Incentivo à Diversidade e à Convivência – BIDA. É importante ressaltar que se você ainda não possui uma conta corrente bancária em seu nome será necessário abrir uma para conseguir os auxílios ofertados.

PET

O Programa de Educação Tutorial é formado por um grupo de estudantes bolsistas e não bolsistas orientados por um tutor, com a finalidade de proporcionar vivências e experiências extracurriculares que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e profissional do estudante, integrando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao bolsista de graduação é permitida a permanência até a conclusão da sua graduação.

INCULTEC

O Centro de Referência em Incubação de Empresas de Ouro Preto (Incultec) é o nome da incubadora de empresas de base tecnológica da UFOP e de Ouro Preto. Isso mesmo!!! A UFOP possui uma incubadora de empresas, que nasceu em 20 de junho de 2006, a partir da aliança universidade-indústria-governo com a fim de promover a disseminação tecnológica na região.

O Incultec é resultado do esforço da UFOP em parceria com o Governo Federal, por meio do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, Governo de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SECTES) e da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), buscando desenvolver ações de inovação e empreendedorismo.

Para conhecer melhor o Incultec, seus projetos e oportunidades, acesse o site <https://incultec.ufop.br/>.

Obstáculos

A Universidade representa um ambiente repleto de aprendizagem e oportunidades. No entanto, existem alguns dilemas que são comuns aos universitários durante a vida acadêmica, e, portanto, são importantes de serem lembrados.

GESTÃO DO TEMPO

Programar a sua rotina de estudos e lazer é extremamente importante. Dessa forma, você pode se preparar com calma para suas provas e atividades. Seguem algumas dicas que podem te ajudar:

- Tenha sempre uma agenda semanal com as tarefas e metas diárias da semana;
- Separe bem o tempo dedicado ao trabalho, estudos, diversão e descanso;
- Escolha um ambiente para ser o seu local de estudos. Se não possuir em casa, aproveite os espaços da biblioteca do seu *campus*;
- Tenha compromisso e respeito com os prazos estipulados por você;
- Faça uma hierarquia de prioridades e reduza o tempo para as atividades menos urgentes;
- Não interrompa o fluxo dos seus afazeres! Silencie as notificações de redes sociais para evitar distrações;
- Recompense-se pelo seu esforço.

BUROCRACIAS

Esteja sempre atento às exigências da sua grade curricular. É exigido que os alunos tenham de cumprir horas em atividades extracurriculares, em disciplinas eletivas e estágios, além do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em alguns cursos.

Assim, sempre acompanhe, pelo portal MinhaUfop, as atividades que ainda faltam para você realizar. E caso tenha dúvidas, procure o

monitor da disciplina ou mesmo o coordenador (a) ou Centro Acadêmico do seu curso para ajudá-lo.



Fonte: Google Imagens

AJUSTAMENTO

O ambiente universitário, em especial os das Universidades Federais (UF), difere-se bastante do encontrado no Ensino Médio. Na Universidade há uma outra configuração das relações de ensino-aprendizagem marcadas pelo alto grau de liberdade dos estudantes em criarem suas próprias trilhas de aprendizagem, diretamente relacionadas aos conteúdos curriculares ou extraclasse.

E é normal sentir um choque cultural ao aprender a manejar esse novo ambiente, gerando sentimentos de insegurança, ansiedade e medo. Não sinta vergonha de procurar ajuda quando precisar.

GESTÃO FINANCEIRA

Para muitos estudantes o ato de gerir as próprias finanças pode ser uma experiência ainda não vivida. E a nossa dica é aplicar os mesmos princípios da administração do tempo quando o assunto for dinheiro.

- Faça uma planilha doméstica para os seus gastos;
- Insira nela toda a quantia que você possui/receber, tudo o que você pagou/consumiu e o que você ainda deve pagar;
- Classifique seus gastos em fixos e variáveis. Isso pode ajudar a visualizar melhor seus gargalos financeiros.
- Se julgar necessário, destine uma quantia mensalmente para a conquista de algum sonho
- Se você não tiver ideia de como começar, existem inúmeros modelos gratuitos na internet para inspiração.



Observatório em Crítica,
Formação e Ensino em
Administração

Coordenação: Profa. Dra. Carol
Saraiva
e-mail: carolsaraiva@ufop.edu.br

<http://observatoriocafe.com.br/>